



## O Psicopedagogo e a Afetividade no Desenvolvimento de Alunos na Educação Especial

*Fabiane Renata de Amorim<sup>1</sup>; Edivaldo Xavier da Silva Júnior<sup>2</sup>*

**Resumo:** O objetivo deste estudo foi compreender a importância da afetividade para alunos da educação especial através do olhar psicopedagógico na literatura. O estudo é qualitativo, no qual foram realizadas buscas nas bases de dados científicas, afim de obter trabalhos que servissem de base na construção deste. O afeto e a contribuição psicopedagógica norteiam o processo de ensino ampliando diversas práticas e desenvolve a aprendizagem em crianças especiais. Assim, faz-se com que o aluno ganhe confiança no espaço educacional tornando o ambiente propício à educação inclusiva. Várias técnicas de ensino necessitam ser adaptadas para os problemas físicos e psíquicos que podem estar ocultas ao olhar do professor. Nesse sentido, o psicopedagogo intervém utilizando estratégias de ensino que despertem e estimulem a aprendizagem. A afetividade, na educação especial, proporciona confiança e estabilidade psíquica e emocional, onde o psicopedagogo, principal peça neste processo, desperta o interesse das crianças especiais.

**Palavras chave:** Afetividade. Educação Especial. Aprendizagem.

## The Psychopedagogue and Affection in Student Development in Special Education

**Abstract:** The aim of this study was to understand the importance of affectionateness for students of special education across the psychopedagogic view in the literature. The study is qualitative, in which searches were conducted in the scientific databases, in order to obtain papers on which to base the construction thereof. The affection and psychopedagogical contribution guide the teaching process expanding various practices and develop learning in special children. Thus, it is with the student to gain confidence in the educational space making the environment favorable to inclusive education. Several teaching techniques need to be adapted to the physical and psychological problems that may be hidden from the view of the teacher. In this sense, the psychopedagogue intervenes using teaching strategies that stimulate and encourage the learning. Affectionateness in special education, provides confidence and mental and emotional stability, where the psychopedagogue, principal part in this process, arouses the interest of special children.

**Keywords:** Affectionateness. Special Education. Learning.

### Introdução

A psicopedagogia é uma profissão que tem, no seu anseio institucional, a direção da aprendizagem dos alunos diante da escuta e das observações, propondo alterações nas posturas familiares e na atuação dos professores (CASTRO, 2004).

<sup>1</sup> Especialista em Psicopedagogia pela Universidade de Pernambuco - campus Petrolina, Petrolina, Pernambuco, Brasil. E-mail: fabianeamorim1990@yahoo.com.br;

<sup>2</sup> Mestre em Educação em Ciências, Docente Assistente da Universidade de Pernambuco (UPE) - Campus Petrolina, Docente Convidado da Especialização em Psicopedagogia da UPE, Contato: BR-203, Km 02, s/n, Campus Universitário, Vila Eduardo, CEP 56.328-903, Petrolina, Pernambuco. Brasil. E-mail: edivaldo.junior@upe.br



Segundo o autor, com a educação especial, não é diferente, já que a observação e o diagnóstico permeia um encaminhamento do psicopedagogo para um profissional adequado, permitindo-lhe um tratamento minucioso.

A afetividade pode proporcionar ao aluno um ambiente em harmonia, a construção da aprendizagem intelectual, psíquica e sociológica que desenvolve a autoestima e a personalidade para relacionar-se no meio social (SILVA *et al.*, 2005). Contudo, na educação inclusiva, o psicopedagogo tem a função de intervir no âmbito escolar facilitando o processo de aprendizagem, trabalhando as diversas relações humanas presentes nesse espaço e no cerne familiar no que tange as dificuldades de aprendizagem (FERREIRA, 2015).

A psicopedagogia tem uma imensa dedicação com a concretização da afetividade e da aprendizagem, de modo que haja um combate no fracasso escolar, propondo maneiras diversificadas e preventivas para diminuir os *déficits* de aprendizagem e melhorar as práticas pedagógicas nas escolas (GRAÇA; SILVA; NASCIMENTO, 2015). Ainda de acordo com os autores, para que isso aconteça, faz-se necessário o envolvimento de vários setores associados, a prática clínica e institucional, considerando fatores que possam interferir no processo de aprendizagem como orgânico, psico, cognitivo, afetivo, físico, entre outros; considerados cruciais, no entendimento desses processos, a fim de auxiliar na superação das dificuldades.

Os problemas e as necessidades especiais que surgem na aprendizagem fazem com que o psicopedagogo busque, junto aos professores, soluções para as próprias deficiências no processo de ensino. Porém, o ensinar e o aprender são facetas de uma educação baseada no foco da aprendizagem, por isso compreender as limitações psíquicas, perceptivas intelectuais ou afetivas fazem parte da aprendizagem de um grande profissional da educação (SANTOZ; HERNANDEZ; PERES, 2015). É através da afetividade que o psicopedagogo encontra caminhos para tornar-se conhecedor do aluno especial, promovendo um ato de inclusão no sistema de ensino (MATTOS, 2008).

Desta forma, é importante conhecer como a literatura corrobora à vivência diária do psicopedagogo, frente à aprendizagem de alunos especiais inclusos no ensino escolar tradicional. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo compreender a importância da ação da afetividade na educação especial e a contribuição desta para o desenvolvimento psíquico e emocional mediante o apoio familiar e escolar, a partir de uma visão psicopedagógica com base em revisão de literatura.



## Material e Método

O estudo é do tipo qualitativo, produzido a partir de uma revisão na literatura, sistemática descritiva, nas bases de dados Google Acadêmico, Scielo e Bireme, bem como livros da área encontrados na Biblioteca Professora Anete Rolim Albuquerque Gomes da Universidade de Pernambuco, *Campus Petrolina*. Para isso, foram utilizados, em português, os seguintes termos educação inclusiva, afetividade e psicopedagogia, utilizando como critério de inclusão os trabalhos que tratavam sobre ação psicopedagógica na educação especial. Como critérios de exclusão adotou-se os trabalhos que não abordaram, de forma direta ou indireta, informações sobre o tema principal deste estudo. Desta forma, os trabalhos que serviram de base para esta obra compreenderam um período de 1995 a 2016.

## Resultados e Discussão

### *Afetividade: significado e contribuições para a aprendizagem na educação especial*

A afetividade tem como significado qualidade ou caráter-afetivo, ou seja, relação de carinho, compreensão e cuidado com alguém que se gosta. É muito importante, em todas as fases da vida do ser humano, principalmente, na educação especial, na qual o aluno pode sofrer a falta de carinho, *bullying* ou outro tipo de desafeto e, diante disso, retrair-se ainda mais em seu nível de desenvolvimento cognitivo, psíquico e emocional. Desta forma, os profissionais devem estar atentos há esse tipo de acontecimento, atuando com o psicopedagogo, a fim de intervir (OLIVEIRA, 2001).

Para Tavares, Gomes e Carvalho (2014), a construção da afetividade contribui de diversas maneiras para um melhor desenvolvimento na aprendizagem dos alunos especiais na escola pública. Esta é detentora de um número significativo de alunos com diversas situações de carência múltipla, seja ela financeira ou educacional. Contudo, o afeto entre o professor e o aluno é de extrema importância, já que o educando fica mais próximo dos professores para dialogar sobre os conteúdos e sua vida pessoal. Na educação especial, não se deve fazer



diferente, pois o professor tem a chance de observar como é a relação afetiva na família além da escola. Galvão (1995, p.62) diz que:

Ao longo do desenvolvimento, a afetividade vai adquirindo relativa independência dos fatores corporais. O recurso, a fala e a representação mental faz com que variações nas disposições afetivas possam ser provocadas por situações abstratas e ideias, e possam ser expressas por palavras.

Diante disso, o docente tem oportunidades para intervir entre os problemas do aluno e o desenvolvimento dele na escola, já que ele é conhecedor do estudante, estabelecendo um sentimento de afeto no momento em que há convívio em sala de aula, sendo indispensável e importante para que, o professor, possa entender os momentos em que seus alunos apresentam baixo desempenho (TAVARES; GOMES; CARVALHO, 2014).

Em concomitância a Tavares, Gomes e Carvalho (2014), Cruz (2012), ressalta que deve-se promover conversas nas turmas mostrando que a sala de aula não é um local de se construir conhecimento, permitindo ao aluno perceber que este ambiente pode ser um local de discussão, construindo assim experiências contínuas e estreitando os laços entre o aluno e o professor.

Para Carvalho (2015), a relação afetiva entre professor e aluno é visível que existe um laço de companheirismo e confiança entre ambos. Caso isso não seja possível, o aluno perde a confiança no professor. Assim, o educador deve ser consciente em saber a importância da figura dele na vida do aluno, para que possa compreender essa relação e estar sempre presente nos momentos de fragilidade.

Esta parceria só obterá êxito com a conciliação dos maiores envolvidos na convivência de sala, contudo qualquer alteração no comportamento de ambos será notado pelo outro, que não esta sendo correspondido e acarretará em um desequilíbrio constante, prejudicando o afeto e, conseqüentemente, o desenvolvimento cognitivo da aprendizagem dos alunos.

Diante disso, Borges (2016) ressalta que essa relação de afetividade abre um novo caminho para a interação da criança especial provocando a percepção de si mesma, com as outras crianças, com os adultos e com o mundo a sua volta, permitindo lhe a construção do significado sobre si e o outro.



### ***Relação família versus escola: uma parceria voltada para a inclusão e o desenvolvimento***

De acordo com Matos e colaboradores (2015), a boa convivência entre família e escola forma uma parceria que caminham juntas em busca do mesmo objetivo. O desenvolvimento de seus alunos e de seus filhos, quando a escola tem contato afetivo com as famílias, possibilita diversas maneiras de intervir em problemas educacionais e até na saúde mental.

Segundo Santos (2015), em concordância aos autores supracitados, a participação da família proporciona ao professor uma maior confiança no seu trabalho e uma boa relação com a mesma. O familiar pode ajudar trazendo, para o professor, as características desse aluno, o qual merece um cuidado e uma educação diferenciada, desde que se tenha o mesmo objetivo da educação regular, desenvolvendo sua aprendizagem.

Para Lima (2010), é necessário explicitar a inclusão escolar como o acesso à escola, ao conhecimento e ao desenvolvimento. Sendo assim, não basta o aluno está incluso sem assistência, precisa-se de um grande acompanhamento, da família e da escola, buscando melhorias para o seu desenvolvimento.

Faz-se necessário que a escola esteja atenta as formas de convivência desse aluno especial com os demais colegas, permitindo que os professores, e demais componentes da instituição, trabalhem com a inclusão. Neste sentido, a pessoa mais próxima do aluno, o seu colega, não o controverta com repulsa e discriminação. Lima (2010,p.53) contribui dizendo que "os sistemas educativos são, muitas vezes, a primeira fonte de exclusão das crianças no que diz respeito às possibilidades de desenvolvimento a partir das interações sociais que ocorrem nas escolas".

Drago (2015) aponta que é uma responsabilidade da escola inserir o aluno, não somente por obrigação e por direitos legais, mas sim fazer valer o seus direitos com dignidade e afeto com todos que envolvem a instituição. Portanto, o educador necessita perceber a diferença do outro, sua forma de comunicar, as diferentes formas de linguagens e, assim, promover e estimular as capacidades ocultas, estabelecendo um enlace de autoconfiança e engajamento com a turma. Desta maneira, desenvolve-se meios de aprendizagem, a partir dessas interações sociais estabelecidas na escola que vão desenvolver, na criança, um equilíbrio psicológico para conviver com a sociedade em todos os aspectos



Santos (2015), corroborando o autor supracitado, afirma que o princípio da inclusão remete, inicialmente, a família por ser a primeira convivência social anterior à escola. Desta forma, deve-se estabelecer uma relação de confiança para que seja desenvolvido, na criança especial, uma autoestima elevada, impedindo-lhe sentir-se inferior na sua própria família.

Cruz (2012) concorda com os autores anteriores, reforçando que a família tem um papel crucial de observar e fiscalizar o trabalho inclusivo da escola. Entretanto, a instituição, além de incluir, tem a responsabilidade de promover evolução desse aluno, tanto na aprendizagem quanto nas relações interativas. A família e a escola tem a função de estarem juntas, promovendo intervenções nas propostas pedagógicas. Apesar disso, a escola tem o mérito para exercer as referidas intervenções, e a família para ajudar com sugestões e observações produtivas, possibilitando criar e estabelecer métodos que despertem o seu desenvolvimento.

Além disso, o vínculo afetivo da família vai mais a frente do amor e do cumprimento dos deveres de pais. É fazer o acompanhamento, protegendo-os das dificuldades, orientando naquilo que for necessário, de criação e de educação dentro e fora do âmbito escolar, preparando-o para uma relação interativa com o mundo (GONÇALVES; CHALFUN, 2016).

### ***As dificuldades de aprendizagem: contribuições do psicopedagogo para nortear o processo de ensino***

A educação especial necessita de diversas práticas pedagógicas para desenvolver a aprendizagem dos alunos que, muitas vezes, é comprometida por algum problema físico ou mental. Com isso, o professor deve produzir métodos de ensino, juntamente com o psicopedagogo, observando e intervindo com estratégias que estimulem a aprendizagem (FERREIRA, 2015).

Sisto (2012) entende que as dificuldades de aprendizagem aparecem nas crianças através de diferentes formas. Cabe aos professores promover meios que estimulem essa aprendizagem que, de alguma maneira, está escondida em um grau, mais ou menos elevado. Ferreira (2015) reforça que, independente disso, todos são capazes de aprender alguma coisa.

O psicopedagogo pode agir auxiliando o professor, contribuindo com sugestões que visem à obtenção de êxito para o ensino de crianças com dificuldades cognitivas ou especiais. Parga, (2012, p.149) assegura que "de fato, um olhar mais atento sobre os problemas de



aprendizagem nos possibilita a observação da interação sujeito e objeto, revelando-nos a trama dialética da objetividade e da subjetividade na qual o sujeito está inserido."

São essas observações, contínuas, que permitem ao psicopedagogo fazer intervenções nos meios de aprendizagem para estimular o aluno, que possui dificuldades, a desenvolver seu aprendizado. Porém, a observação é a maior ferramenta do trabalho psicopedagógico, desde que seja feita sob um olhar amplo, com perspectiva de evolução (FERREIRA, 2015).

Conforme Martineli (2012), o aspecto afetivo é um processo que pode ser desencadeado de novos comportamentos, acelerando ou retardando o desenvolvimento cognitivo e intelectual das crianças, dependendo do estímulo, pode criar uma nova estrutura psicológica ou modificar as já existentes.

Graça (2015) afirma que o trabalho preventivo do psicopedagogo permite compreender problemas dos fatores externos dentro do contexto social, familiar e escolar, fazendo uma analogia do ensinar e do aprender. Enfatizando isso, Martineli (2012) percebe que, por meio da relação afetiva pode-se entender outros aspectos dos processos educacionais, haja vista que o afeto escolar tem o poder de modificar o equilíbrio emocional e promover ao sujeito um sentimento de satisfação e motivação. Portanto, o psicopedagogo tem no seu papel crucial a missão de incluir e buscar alternativas para os problemas que bloqueia a criança de um bom desenvolvimento, seja ele social, familiar, ou afetivo. Porém, o mais importante é a inclusão, a aprendizagem e a estabilização psíquica e emocional dos alunos.

Conforme Campos e Glat (2016) asseguram que a motivação intelectual estimula a aprendizagem, por meio do esforço dado em cada momento que proporciona um êxito elevado na obtenção dos conhecimentos.

## Conclusão

A afetividade na educação especial proporciona confiança e estabilidade psíquica e emocional trazendo um autocontrole na aprendizagem, uma vez que é através dela que as crianças sentem-se seguras e assim iniciam o desenvolvimento da intelectualidade e aprimoramento das capacidades mentais, como pode ser visto nos autores analisados neste estudo. Desta forma, conclui-se que é fundamental a participação de um psicopedagogo na



escola, pois além de orientar os docentes, trabalha a família, buscando sempre o afeto como via para despertar o interesse das crianças especiais.

## Referencias

BORGES, G. S. B. **Estimulação precoce, trabalho pedagógico e a criança com deficiência na creche**. 2016. 172f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade federal de Goiás, Regional catalão, 2016. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/5618/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Gabriela%20Silva%20Braga%20Borges%20-%202016.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2016.

CAMPOS, K. P. B; GLAT, R. Procedimentos favoráveis ao desenvolvimento de uma criança com síndrome de Dow numa classe comum. **Revista Educação Especial**, v. 29, n.54, p.27-40, 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/10399/pdf>. Acesso em: 12 jul. 2016.

CARVALHO, C. M. **Afetividade na relação aluno/professor no contexto da educação infantil**. 2014. 64f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/10359/1/2014\\_CarinaMouradeCarvalho.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/10359/1/2014_CarinaMouradeCarvalho.pdf). Acesso em: 10 jul. 2016.

CASTRO, M. L. G. O olhar psicopedagógico na instituição educacional: o psicopedagogo como agente de inclusão social. **Revista Psicopedagogia**, v.21, n.65, p.108-116, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v21n65/v21n65a03.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2016.

CRUZ, T. P. Educação inclusiva: dificuldades da atuação do professor e contribuições da psicologia. **REVELLI-Revista de Educação, Linguagem e Literatura**, v.4, n.1, p.115-136, 2012.

DRAGO, R. Inclusão escolar e projeto político pedagógico no contexto do ensino fundamental. **Ensino em Revista**, v.22, n.1, p.47-58, 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/viewFile/30724/16784>. Acesso em: 10 jul. 2016.

FERREIRA, C. R. Importância da relação entre a família e a escola na educação infantil e o papel da ação do psicopedagogo. **Ciência Atual-Revista Científica Multidisciplinar das**



**Faculdades São José**, v. 5, n.1, p.02-15, 2015. Disponível em:  
<http://inseer.ibict.br/cafsj/index.php/cafsj/article/viewFile/107/pdf>. Acesso em: 10 jul. 2016.

GALVÃO, I. **Henri Wallon**: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

GONÇALVES, R. L. F.; CHALFUN, M. O direito à afetividade parental como um dos elementos do princípio da dignidade da pessoa humana e da relação familiar. **Revista Científica da FACERB**, v.3, n.1, p.86-117, 2016. Disponível em:  
<http://www.cnecrij.com.br/ojs/index.php/ampliando/article/view/247/161>. Acesso em: 12 jul. 2016.

GRAÇA, J. S. D.; SILVA, A. B.; NASCIMENTO, M. R. S. A institucionalização da psicopedagogia no Brasil. **9º Encontro Internacional de Formação de Professores**, v.8, n.1, p.1-14, 2015. Disponível em:  
<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1778/41>. Acesso em: 13 jul. 2016.

LIMA, P. A. **Educação Inclusiva**: Indagações e ações nas áreas da educação e de saúde. São Paulo: Avercamp, 2010.

MARTINELLI, S. C. Os aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem. In: SISTO, F. F.; BURUCHOVITCH, E.; FINI, L. D. T. (Organizadores). **Dificuldades de aprendizagem no contexto pedagógico**. 8 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MATOS, M. B. et al.. A. Eventos estressores na família e indicativos de problemas de saúde mental em crianças com idade escolar. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.20, n.7, p.2157-2163, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csc/v20n7/1413-8123-csc-20-07-2157.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2016.

MATTOS, S. M. N. A afetividade como fator de inclusão escolar. **Revista Teias**, v.9, n.18, p.50-59, 2008. Disponível em:  
<http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/271/283>. Acesso em: 10 jul. 2016.

OLIVEIRA, A. S. S. **Educação inclusiva, utopia possível**: uma leitura psicopedagógica de crianças/adolescentes com dificuldades de aprendizagem. 2001.141 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/82048>. Acesso em: 01 jul. 2016.



PARGA, M. O. Enlace desejo-inteligencia na aprendizagem. In. SISTO, F. F.; BURUCHOVITCH, E.; FINI, L. D. T. (Organizadores). **Dificuldades de aprendizagem no contexto pedagógico**. 8 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro:Vozes, 2012.

SANTOS, A. C. A.; OLIVEIRA, V. M. S. A família como elemento para a inclusão social do deficiente. **Ideias e Inovação-Lato Sensu**, v.2, n.2, p.47-58, 2015. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/ideiaseinovacao/article/viewFile/2207/1173>. Acesso em: 20 mai. 2016.

SANTOZ, S. S.; HERNANDEZ, A. R. C.; PERES A. G. L. Educação inclusiva: dificuldades entre discurso e prática no cotidiano das escolas. **Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, v.4, n.1, p.201-217, 2015. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/7664/9486>. Acesso em: 20 mai. 2016.

SILVA, A. C. et al.. **A importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem em turmas de 4ª série na perspectiva do aluno**. 2005. 59p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Ciências da Educação – FACE - Centro Universitário de Brasília - Uniceub, Brasília, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/235/6686>. Acesso em: 05 mai. 2016.

SISTO, F. F. Dificuldades de aprendizagem em escrita: um instrumento de avaliação (ADAPE). In. SISTO, F. F.; BURUCHOVITCH, E; FINI, L. D. T. (Organizadores). **Dificuldades de aprendizagem no contexto pedagógico**. 8 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

TAVARES, C. B.; GOMES, M .L. M. ; CARVALHO, L. A. A formação de educadores em uma nova sociedade - a psicopedagogia em foco. **Perspectivas OnLine**, v.3, n.12,p.137-144, 2014.

#### Como citar este artigo (Formato ABNT):

AMORIM, F.R.; SILVA JÚNIOR, E.X. O Psicopedagogo e a Afetividade no Desenvolvimento de Alunos na Educação Especial. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, Outubro de 2016, vol.10, n.31, p. 63-72. ISSN 1981-1179.

Recebido: 14/07/2016.

Aceito: 21/07/2016